



History of Education in Latin America - HistELA

This work is licensed under a [Creative Commons — Attribution 4.0 International — CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Memória, Leitura e Movimentos de Sentidos na Formação Universitária

Memory, Reading, and Movements of Meaning in University Education

Graziela Dutra Kantorski

Orcid: 00009-0008-8023-1357

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil, Email: graziela.revisa@gmail.com

Maria de Lourdes Soares Ornellas

Orcid: 0000-0002-1171-9251

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA, Brasil, Email: ornellas1@terra.com.br

DOI: 10.21680/2596-0113.2025v8n1ID42100

Citação: Kantorski, Graziela Dutra; Ornellas, Maria de Lourdes Soares. (2025). Memória, Leitura e Movimentos de Sentidos na Formação Universitária. *History of Education in Latin America - HistELA*, 8(1). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/42100>

Conflito de interesses: Os autores declaram que não existem interesses concorrentes.

Editora: Olivia Morais de Medeiros Neta

Received: 14/11/2025

Approved: 27/12/2025

OPEN ACCESS

Resumo

O estudo investiga a leitura, concebida como prática discursiva atravessada por memórias, afetos e contextos sociais. A pesquisa, fundamentada na Análise de Discurso (Pêcheux) em diálogo com a psicanálise (Lacan), apreende a leitura como gesto simbólico marcado por ideologia, desejo e incompletude. Com entrevistas semiestruturadas, com ênfase na escuta social dos ditos, silêncios e contexto sócio-histórico, organizadas em três eixos: leitura e contexto social, leitura e afetos, leitura e universidade, evidencia-se que o sujeito reinscreve memórias, mobiliza afetos, manifesta o indizível e se desloca na relação com o saber. A experiência leitora aparece como espaço de subjetivação, onde sentidos se reinscrevem, silêncios dialogam com o desejo e trajetórias de significação se constroem.

Abstract

This study investigates reading, conceived as a discursive practice traversed by memories, affects, and social contexts. Grounded in Discourse Analysis (Pêcheux) in dialogue with psychoanalysis (Lacan), the research understands reading as a symbolic gesture marked by ideology, desire, and incompleteness. Through semi-structured interviews, emphasizing the social listening to utterances, silences, and socio-historical context, organized into three axes: reading and social context, reading and affects, and reading and university, it becomes evident that the subject reinscribes memories, mobilizes affects, manifests the unspeakable, and shifts in relation to knowledge. The reading experience appears as a space of subjectivation, where meanings are reinscribed, silences dialogue with desire, and trajectories of signification are constructed.

Keywords: Reading. Memory; Subject. University. Production of Meanings.

Introdução

Pensar a leitura exige deslocá-la de seu lugar mais recorrente: o de técnica ou de requisito curricular. A leitura se inscreve como prática social e discursiva imbricada por memória e história, dimensões que atuam diretamente na constituição do sujeito leitor e na apropriação do conhecimento. Nesse contexto, a memória como ressalta Pêcheux (1990), ela constitui-se a partir do conjunto de dizeres que retornam e sustentam os sentidos no presente. Ao relatar suas experiências, os estudantes reativam lembranças familiares, escolares e culturais, reinscrevendo-as no espaço formativo atual. Nesse sentido, a leitura torna-se gesto de rememoração, em que marcas de histórias anteriores reaparecem, tensionando o presente e possibilitando novos deslocamentos no saber, enquanto confronta o estudante com as formações ideológicas que delimitam o que pode ou não ser dito, como apontado por Orlandi (2009), articulando sua prática de leitura à realidade social em que está inserido.

No cenário contemporâneo, evidencia-se o esvaziamento das práticas de leitura como espaço de formação crítica. Dados recentes da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Instituto Pró-Livro, 2024) apontam que a leitura escolar caiu de 35% em 2007 para 19% em 2024, representando a perda de 6,7 milhões de leitores nos últimos quatro anos. Essas transformações revelam mudanças estruturais e subjetivas, em que o tempo da elaboração, da reflexão e da resistência cede lugar a formas de consumo imediato. Com isso, a memória cultural coletiva se fragiliza, o que torna ainda mais urgente interrogar de que maneira a leitura pode operar como prática de resistência e como espaço de produção de sentidos.

A universidade constitui-se como campo em permanente disputa e criação, marcada por tensões sociais, históricas e subjetivas. Refletir sobre ela implica deslocar a questão clássica, “o que é a universidade?”, para outra mais instigante: “como a universidade se produz?”. Essas perguntas, inspirada em Saviani (2004, p. 73), evidencia que sua existência resulta de mediações históricas concretas e de forças sociais, culturais e econômicas em movimento. Ao situar a realidade educacional como campo de tensões e disputas, Saviani (2004), destaca que múltiplos sujeitos e suas histórias se inscrevem nesse processo, fazendo da universidade um espaço sempre aberto à emergência de novas formas de existência. Assim, sua historicidade

se manifesta no enlace entre permanência e transformação, tradição e inovação, controle e desejo de autonomia.

É nesse cenário de produção contínua e disputada da universidade que se articula o problema deste estudo: Como o sujeito-leitor universitário, ao se engajar na prática da leitura atravessada por memórias e contextos sociais, constitui um espaço de produção de sentidos e de resistência às lógicas contemporâneas que esvaziam a experiência educativa? A investigação considera, ainda, como as experiências de leitura dos estudantes reinscrevem lembranças, elaboram narrativas e mobilizam transferências na relação com o saber e a formação, organizando-se em três eixos de análise: leitura e contexto social, leitura e afetos, e leitura e universidade.

Sob essa perspectiva, a leitura se apresenta como gesto capaz de inscrever marcas do passado no presente, tensionar sentidos e gerar deslizamentos na experiência do sujeito, configurando-se como prática que confronta as formações discursivas dominantes e favorece a constituição de uma formação crítica, engajada e socialmente situada.

O percurso metodológico busca acompanhar os gestos que emergem no contexto universitário, considerando o sujeito constituído pela língua, pela história e pelas formações discursivas que o constitui. Para apreender essas dimensões, adotou-se a Análise de Discurso materialista (AD), conforme delineada por Michel Pêcheux (1990) e seu grupo, permitindo acompanhar a leitura enquanto prática social e discursiva, revelando a formação histórica dos sentidos e as resistências que emergem nas práticas discursivas dos sujeitos. A entrevista semiestruturada, denominada *Entre a Fala e o Silêncio* funcionou como dispositivo de escuta às nuances do dizer e do não-dizer, favorecendo a expressão singular de cada estudante e a apreensão de memórias, afetos, silenciamentos e deslocamentos presentes nas práticas de leitura. A investigação situou a análise nos condicionamentos históricos e sociais que estruturam o fenômeno investigado, evidenciando marcas, tensões e trajetórias que marcam a constituição do sujeito leitor e sua relação com o saber acadêmico.

A investigação dessas marcas leva naturalmente à reflexão sobre memória e leitura, pois é na lembrança, nos rastros do vivido e nos registros discursivos, que se inscrevem os sentidos que orientam a experiência do sujeito leitor. Como observa Clarice Lispector (1999, p. 385), “Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguirei saber do que nem ao menos sei? Assim: como se me lembrasse. Com um esforço de ‘memória’ como se eu nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro e a lembrança é em carne viva.” Essa perspectiva inaugura, esse breve percurso teórico que segue, articulando memória e leitura como dimensões fundantes da constituição do sujeito.

Memória e leitura

A memória ultrapassa o registro factual do vivido, evocando experiências que parecem ausentes e trazendo à superfície a intensidade do vivido subjetivo. Na prática da leitura, essa lembrança experencial se manifesta como um espaço discursivo tecido por história, ideologia e inconsciente, onde o sujeito se confronta com sua própria historicidade e com os sentidos que atravessam sua interpretação. É nesse campo de sentidos que o sujeito leitor se define: uma posição discursiva historicamente constituída, imbricada à ideologia e às condições materiais de existência, que se atualiza no ato da leitura como gesto de interpretação. Como explica Orlandi (2000), não se trata de um indivíduo autônomo que apenas decodifica signos, mas de um sujeito instigado pela linguagem e pelo social, cuja leitura é sempre marcada por

sentidos já postos e, ao mesmo tempo, aberta à possibilidade de transformações e resistências.

Acessar um texto implica a reinscrição de sentidos previamente produzidos e a emergência de novas interpretações, em um processo simultaneamente individual e social. A memória discursiva atua como condição central da prática leitora, funcionando como um repertório de marcas históricas e sociais que sustenta a produção e a interpretação das sequências, entendidas aqui como trechos do texto que se organizam em relação uns aos outros para produzir sentido. Cada sequência se define a partir das conexões que estabelece com outras, sendo sempre mediada pela memória do leitor e pelos contextos sociais que ele traz. Como destaca Pêcheux: “A condição essencial da produção e interpretação de uma sequência reside de fato na existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos que constitui o espaço de memória da sequência” (2014, p. 145).

O sentido em Orlandi (2007) articula-se à ideia de incompletude e à historicidade do discurso, indicando que significado nunca é fechado ou definitivo. Para a autora, a incompletude do sentido deve ser pensada como algo que permanece aberto, sem início verificável nem possibilidade de se dar a “palavra final” (Orlandi, 2007, p. 11). Cada enunciado, assim, encontra-se em constante movimento, reinterpretado continuamente a partir de contextos históricos, sociais e subjetivos, reforçando que sentido é produzido e reproduzido em um processo dinâmico e sempre em curso.

Nessa perspectiva, o silêncio assume papel, pois (Orlandi, 2007, p. 11) “é fundante (não há sentido sem silêncio) e esta incompletude é função do fato de que a linguagem é categorização dos sentidos do silêncio, modo de procurar domesticá-los”. O que se coloca em jogo é, portanto, uma concepção dinâmica do discurso, na qual sentido emerge sempre em processo, mediado pela tensão entre presença e ausência, entre dizer e silêncio. A linguagem, sendo opaca e incompleta, completa Orlandi (2007) nunca fixa um único sentido, mas se organiza como um sistema de relações que limita e possibilita significações. Assim, a interpretação se constitui como gesto que, ao mediar a materialidade discursiva, desestabiliza o já dito e abre espaço para novos sentidos ainda não produzidos.

Nesse sentido, o processo de leitura situa o sujeito em um campo de interação com o texto e com suas próprias trajetórias históricas, sociais e afetivas. Essa relação estabelece o jogo interacional que sustenta a produção do sentido, evidenciando que a historicidade da leitura se manifesta tanto na apropriação de saberes legitimados quanto nas tensões com lacunas, silêncios e resistências culturais inscritas nos discursos, reafirmando a dimensão social, ideológica e material da prática de leitura.

Ao mesmo tempo, o acesso ao conhecimento ocorre em meio a processos de “interpelação ideológica” (Althusser, 2022, p. 104), nos quais os sujeitos são reconhecidos e convocados a ocupar posições específicas no laço social. A interpelação, segundo Althusser, consiste no modo como a ideologia “chama” o sujeito, fazendo-o assumir certos papéis e sentidos socialmente possíveis. Nesse contexto, a leitura se inscreve como mediação entre sujeitos e formações discursivas: o leitor é interpelado pela ideologia presente no texto e nos contextos sociais, sendo chamado a se situar de maneiras determinadas. Assim, a apropriação crítica do saber implica reconhecer a presença de condições históricas, sociais e simbólicas que configuram tanto o texto quanto a experiência do leitor, evidenciando que a leitura é simultaneamente um processo social, pedagógico e linguístico como aponta Orlandi (2000).

Dessa forma, a memória articulada na leitura constitui um campo dinâmico, marcada por divisões, inflexões e retomadas que permitem a reinscrição de sentidos e

resistências. Segundo Pêcheux (1999, p. 52), “a memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (...) de que sua leitura necessita”, ou seja, ela reconstrói “os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos”, funcionando como “a condição do legível em relação ao próprio legível”. Assim, a memória se apresenta como princípio estruturante do interdiscurso, permitindo que os sentidos se reinscrevam historicamente nos enunciados e vinculando o sujeito à materialidade social, ideológica e histórica do discurso.

Nesse contexto, o interdiscurso emerge como efeito da memória discursiva, articulando experiências históricas, sociais e linguísticas e fornecendo um conjunto de enunciados já produzidos que estruturam o dizível. Aquilo que já foi dito, mesmo que esquecido, constitui interdiscurso, formado por enunciados exteriores ao sujeito. Como destaca Orlandi (1992, p. 89-90), “o interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido” e, segundo Pêcheux, “sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciador”, constituindo assim a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso.

É nesse esforço de memória que a leitura deixa de ser ato isolado ou puramente técnico e se apresenta como prática que integra memória, interdiscurso, ideologia e subjetividade, pois ler implica posicionamento crítico diante dos sentidos já produzidos, reinscrição das memórias discursivas e produção de novos significados, apontando movimentos subjetivos que fortalecem a constituição do sujeito universitário e sua relação com o saber e com a história. Nesse processo, o leitor se confronta com lacunas, silêncios e contradições do texto, estabelecendo uma negociação constante entre o que foi inscrito e o que pode ser reinscrito.

Entre o dito e o indizível: escutas no campo empírico

A partir dessa perspectiva teórica, o percurso empírico buscou acompanhar os movimentos subjetivos no contexto da universidade. A entrevista semiestruturada, *Entre a Fala e o Silêncio*, constituiu-se como dispositivo de escuta, permitindo apreender experiências e perspectivas dos sujeitos a partir dos ditos, silenciamentos e nuances presentes nas entrelinhas. Um roteiro prévio orientou a condução do diálogo, enquanto o contato inicial estabeleceu confiança, favorecendo a expressão das memórias, vivências e trajetórias dos estudantes.

Essa escuta evidencia que a constituição do sujeito depende da língua e da história, pois é por meio delas que se produzem sentidos. Conforme observa Orlandi (2009, p. 49), o sujeito do discurso “é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas”. A autora ressalta ainda que, se o sujeito não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se não se submeter à língua e à história, ele “não se constitui, não fala, não produz sentidos”.

Essa perspectiva encontra eco na formulação de Leandro-Ferreira (2005, p. 2), para quem a categoria de sujeito “procede da filosofia e ganha com Lacan um estatuto próprio ao ser introduzida com destaque no campo psicanalítico”. A autora lembra ainda que Freud, mesmo sem nomear diretamente o conceito, já abordava nos textos iniciais aspectos essenciais do inconsciente. A concepção lacaniana de sujeito, entendida como “um sujeito descentrado, efeito do significante que remete para um outro significante”, ressoa em outros campos das ciências humanas, como na análise do discurso, e Pêcheux, segundo a pesquisadora, “não fica surdo a essa voz; muito ao contrário”.

Nesse percurso sobre o sujeito e sua constituição, a investigação parte do princípio de que a realidade se inscreve na linguagem, mas sua apreensão completa permanece impossível. A experiência empírica evidencia que, mesmo diante do que é dito, há sempre fragmentos que escapam à expressão, abrindo espaço para o indizível, que se revela nas brechas do discurso e nas entrelinhas. A escuta social, nesse sentido, procurou captar esses fragmentos, acessando significados subjacentes conectada pelo desejo, pela falta e pela historicidade, evidenciando as sutilezas das experiências individuais e coletivas (Kantorski, 2025).

A partir dessa escuta ao indizível, o gesto de análise se estruturou em três eixos, cada um oferecendo uma perspectiva para compreender a experiência do sujeito leitor. O primeiro eixo, leitura e contexto social, busca apreender as práticas, percepções e afetos ligados ao ato de ler, situando essas experiências nos espaços familiares, escolares e acadêmicos e considerando as influências históricas que se inscrevem no discurso dos sujeitos. O segundo eixo, leitura e afetos, dedica-se a identificar as dimensões afetivas e subjetivas que acompanham a leitura, explorando como desejos, frustrações e investigações de sentido se manifestam nas experiências dos estudantes. O terceiro eixo, leitura e universidade, focaliza a relação da leitura com a própria experiência universitária, analisando como o ato de ler contribui para a constituição do sujeito acadêmico e para sua interação com o saber e com a história.

Para articular esses eixos, a pesquisa mobilizou cinco estudantes do sétimo semestre de Psicologia da UNEB, cujas vozes emergiram como sujeitos discursivos, identificados como SD1 a SD5, participantes voluntários da investigação. Os participantes têm entre 23 e 26 anos e são solteiros; predominou mulheres; SD2 optou por não declarar seu sexo, evidenciando identidades além das categorias binárias; Quanto à cor/etnia, os sujeitos se identificaram como pardo ou negro, inserindo-se em contextos sociais variados: Alguns permanecem parcialmente mantidos pela família, enquanto outros conciliam trabalho e estudo, enfrentando pressões que podem afetar suas motivações e hábitos de leitura. A maioria apresenta renda familiar entre até 1 a 5 salários mínimos, fatores que influenciam tanto o acesso a materiais de leitura quanto o tempo disponível para essa prática, revelando diferentes níveis de autonomia e inserção nas dinâmicas familiares e acadêmicas

A partir desse traço, a investigação acompanhou os discursos que emergem das práticas de leitura dos sujeitos, revelando como a constituem na produção de sentidos. Esse movimento permitiu captar as escolhas de leitura como gestos marcados por desejos, frustrações e trajetórias pessoais, destacando os fatores que orientam suas relações com o saber e com a história. A pesquisa foi conduzida em conformidade com as diretrizes éticas do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação do Comitê de Ética (parecer nº 76022723.7.0000.0057).

Entre a fala e o silêncio

Nesse espaço entre a fala e o silêncio, a comunicação revelou gestos, que marcam a produção de sentido, de modo que a entrevista semiestruturada, conforme Ornella (2011), configura um ambiente de reflexão no qual cada sujeito se manifesta em sua singularidade, deixando emergir desejos, afetos e contextos sócio-históricos que percorrem o ato de ler. Assim, esse gesto de análise inspira-se na metáfora de Clarice Lispector (1971, s.p.), na qual a palavra, ao “pescar o que não é palavra”, captura o indizível e deixa entrever os processos de constituição subjetiva, bem como as marcas do inconsciente que atravessam o ato de ler, evidenciando os modos pelos quais o sujeito se inscreve e se posiciona nas formações discursivas.

A seguir, apresentam-se as transcrições, o exercício de análise e os resultados, articulando as vozes dos sujeitos aos eixos de investigação para apreender a constituição da memória na formação do sujeito leitor.

Leitura e contexto social

Eu aprendi a ler com minha mãe. Foi com ela que li 300 quadrinhos da Turma da Mônica. Toda noite, sentávamos juntas para ler um quadrinho inteiro. Dois meses depois, já estava lendo sozinha. Foi assim que realmente aprendi a ler, com minha mãe (...) (SD1).

Acredito que tenha sido na escola, embora sempre tenha sido incentivada a ler em casa, onde havia muitos quadrinhos. No entanto, minha maior experiência com o ensino foi na escola, provavelmente com a professora da alfabetização (...) Ela é uma das principais fontes de conhecimento, permitindo que eu tenha minha própria interpretação dos conteúdos (...) (SD2).

Eu me alfabetizei ainda criança, na creche, onde aprendi a decodificar os signos. Antes mesmo de desenvolver o gosto pela leitura, aprendi a gostar de escrever, com o incentivo de uma professora de português que me ajudava muito, especialmente a escrever poemas (...) Já o gosto pela leitura veio na adolescência, por volta dos 14 anos, influenciado por um amigo que sempre estava com um livro novo (...) (SD3).

Eu aprendi a escrever meu nome com a minha avó. Ela me colocou em um reforço escolar, onde eu aprendi o alfabeto e a juntar as letras, mas em casa, minha avó sempre me incentivava (...) A leitura tem sido fundamental na minha formação acadêmica (...) (SD4).

Eu aprendi a ler quando estudava em uma creche, na pré-escolar, com a ajuda da professora (...) Já conseguia ler algumas coisas fora da escola (...) (SD5).

A leitura configura-se como prática discursiva interpelada (Althusser, 2022) por memória, interdiscurso e ideologia, constituindo o sujeito em relação aos sentidos históricos que o antecedem. Ao se confrontar com a linguagem escrita, o sujeito é convocado a lidar com o real que escapa à significação plena, manifestando-se nas lacunas, silêncios e entrelinhas do discurso

Nesse contexto de constituição subjetiva mediada pelo discurso, os relatos dos sujeitos indicam que figuras familiares, como mães e avós, desempenham papel central na construção da experiência leitora, oferecendo posições de endereçamento no discurso e abrindo caminhos para a inscrição subjetiva. O gesto de aprender a ler com esses interlocutores mobiliza desejo, afetos e transmissão simbólica, mostrando que o sujeito se constitui no interior da linguagem, marcado pelos significantes que o precedem e o situam na rede simbólica (Lacan, 1985). Assim, o ato de leitura funciona como prática de inscrição ideológica, na qual o sujeito se posiciona em relação a discursos familiares, escolares e afetivos, reproduzindo, tensionando e ressignificando sentidos históricos e sociais.

Ao avançar do espaço familiar para o escolar e universitário, essas mesmas práticas de leitura se encontram mediadas por novos discursos e regulações institucionais. A leitura emerge como meio de apropriação do conhecimento e constituição de sentidos acadêmicos, permeada por tensões entre os discursos institucionais e as trajetórias individuais. Pêcheux (1990), evidencia que o sentido não reside nas palavras isoladamente, mas na organização discursiva que as produz, na qual se manifestam repetição, lacunas e deslocamentos. Nessa perspectiva, os sujeitos leitores universitários repetem, deslocam e reinscrevem sentidos já legitimados, ao mesmo tempo em que introduzem experiências próprias e marcas da memória discursiva.

Nesse processo, a ideologia se articula como estrutura que orienta e delimita os sentidos possíveis, constituindo o sujeito em posições específicas dentro da rede simbólica (Althusser, 2022), conferindo autoridade e legitimidade aos discursos acadêmicos e pedagógicos. O interdiscurso evidencia o cruzamento de diferentes formações discursivas, familiar, escolar, afetiva, acadêmica, revelando como essas instâncias interagem, se tensionam e produzem sentido.

Para além da apropriação de sentidos acadêmicos e da reprodução de discursos legitimados, a leitura revela dimensões subjetivas profundas. A leitura mobiliza o sujeito em sua relação com o real, com a falta constitutiva da linguagem e com o desejo, tornando-o simultaneamente objeto e sujeito do processo de interpretação. Assim, a prática leitora se apresenta como espaço de inscrição ideológica, constituição subjetiva e operação simbólica, em que memória, interdiscurso e desejo articulam-se na produção de sentidos, na tensão entre dominação e subversão, e na reinscrição constante das formações discursivas que atravessam o sujeito.

Leitura e afetos

Quando penso nas minhas experiências de leitura, percebo que elas são carregadas de diferentes emoções e afetos (...). Sinto uma angústia intensa ao ler *Jantar Secreto*, compartilhando tensões e incertezas dos personagens (...). Esse tipo de leitura me consome completamente (SD1).

O que me domina é a curiosidade (...). Quero saber como tudo se resolverá, seguindo o texto até o fim, ansiosa por compreender a trama ou o pensamento (SD2).

Sinto satisfação profunda quando leio algo conceitual, apreciando a construção do argumento (...), desejando alcançar o raciocínio completo (SD3).

O afeto dominante é a alegria ao ler romances que me cativam (...), estabelecendo conexão com personagens e histórias (SD4).

A empolgação surge em livros de suspense, com reviravoltas (...), despertando desejo de acompanhar o inesperado até o final (SD5).

A leitura, nesse eixo, revela-se como experiência situada por afetos que mobilizam o sujeito em sua relação com o texto, o Outro e consigo mesmo. Cada afeto identificado, angústia, curiosidade, prazer, alegria e empolgação, atua como marca da inscrição simbólica, mostrando como o sujeito se coloca em jogo diante da leitura (Pêcheux, 1990; Ornellas, 2019; Gillot, 2018; Lacan, 1985; Althusser, 2022).

O (SD1) evidencia a angústia como força que transita seu encontro com o texto. Ao relatar a experiência com *Jantar Secreto*, descreve a imersão total na narrativa, o corpo e a mente sensíveis à suspensão da trama, antecipando eventos desconhecidos. Essa experiência mostra a leitura como operação que convoca o sujeito a lidar com o real que escapa à significação plena, revelando o efeito do entre-dizer e da memória discursiva na construção do sentido.

Essa experiência abre caminho para a curiosidade de (SD2), que se movimenta em direção ao texto articulando desejo e expectativa, mesmo diante da impossibilidade de alcançar um sentido absoluto. Assim, (SD2) mostra como a leitura articula repetição e deslocamento de sentidos, configurando-se como espaço de tensão ideológica em que o leitor dialoga com os discursos que o atravessam.

A partir dessa tensão entre expectativa e desconhecido, (SD3) encontra prazer na compreensão, transformando a leitura em espaço de reconhecimento e produção de saber. A apreensão do raciocínio do autor convoca o sujeito a operar sobre seus próprios significantes, reinscrevendo memórias discursivas e constituindo-se como

leitor capaz de elaborar sentido, evidenciando a articulação entre memória, desejo e construção subjetiva.

Esse processo de reconhecimento e construção de sentido prepara o terreno para a alegria e encantamento relatados por (SD4), mostrando que a leitura é experiência afetiva que deixa marcas duradouras, reverberando além do enredo lido. O movimento de (SD4) evidencia o entrecruzamento do interdiscurso familiar, escolar e afetivo, no qual os sujeitos se inscrevem em posições que orientam e tensionam sua experiência de leitura, reafirmando a dimensão subjetiva e simbólica da prática.

Finalmente, o prazer da surpresa e do inesperado, vivido por (SD5), surge como extensão e culminação dos afetos anteriores, revelando como a leitura também envolve fruição do inusitado, suspensão do controle e manifestação do real no texto. Esse afeto evidencia a falta constitutiva da linguagem e a ação do desejo, mobilizando o sujeito em relação ao impossível de dizer e ao indizível que habita as lacunas do discurso.

A leitura revela-se, assim, como prática discursiva situada, mobilizando o sujeito em relação aos sentidos históricos e afetivos que o constituem. Nesse movimento, o desejo emerge como força orientadora da apropriação e da produção de sentidos. Para Ornellas (2019), o desejo é força subjetiva que mobiliza o sujeito em sua relação com o mundo, imbricando memória, afetos e experiências. Ele articula-se à dimensão simbólica e discursiva da existência, constituindo-se como vetor de movimento, criação e reinscrição de sentidos. Na leitura, o desejo orienta a apropriação crítica dos textos, conectando interesses, frustrações e expectativas, permitindo que o sujeito se situe frente aos discursos, tensionando e transformando sentidos pré-estabelecidos.

Leitura e universidade

Acredito que a leitura exerce uma influência significativa na minha personalidade e identidade, influenciando minhas preferências. Essa influência me direcionou para áreas dentro da psicologia que se alinham com meus interesses. Atualmente, nos últimos períodos do curso, tenho me sentido atraída pelas áreas psicossociais e educativas, onde posso trabalhar com pessoas em situação de vulnerabilidade. Meu desejo é atuar no CAPS e em escolas, especialmente com crianças, promovendo o acesso à leitura por meio de rodas de leitura e contação de histórias. Sinto que essa trajetória no campo social tem contribuído para a formação da minha personalidade como profissional da psicologia (SD1).

Reconheço que, para construir uma visão acadêmica e profissional, a leitura é essencial. Para me tornar uma psicóloga social, preciso entender a psicologia social de maneira mais profunda, embora reconheça que toda a psicologia é, de certa forma, social. Muitas vezes, nossas percepções sobre a realidade podem não corresponder ao que realmente existe, e a leitura me permite construir minha identidade profissional e moldar minha atuação na área (SD2).

Vejo uma relação de causa e efeito entre a minha leitura e a minha trajetória acadêmica como futura psicóloga. O que aprendo na universidade impacta minhas escolhas de leitura, e, ao mesmo tempo, a leitura que realizo influencia meu desenvolvimento acadêmico (SD3).

Meu curso de psicologia me motivou a aumentar significativamente a quantidade de leitura que faço. Antes já lia, mas aqui na universidade percebi a necessidade de aumentar em 200% as minhas leituras. Esse aumento na leitura me proporcionou mais facilidade para interpretar diferentes tipos de textos, mesmo aqueles que não me atraem tanto, e sinto que a psicologia realmente me incentiva a ler mais (SD4).

Gosto de ler uma variedade de gêneros, como suspense, romance e clássicos, e leio vários livros em sequência, mesmo que não na mesma velocidade. Na faculdade, geralmente leio os textos indicados pelos professores para as aulas, mas sei que deveria me aprofundar mais em autores como Freud, Lacan e Vygotsky, embora isso raramente aconteça. Estou ciente da importância de ler mais esses conteúdos, mesmo que muitas vezes não o faça (SD5).

A partir das vozes dos cinco sujeitos, a leitura se revela como prática discursiva tecida por memória, interdiscurso e formações ideológicas, conforme os princípios da Análise de Discurso (Pêcheux, 1990; Orlandi, 2009) e a perspectiva do materialismo histórico (Althusser, 2022). Cada enunciado manifesta a constituição do sujeito em diálogo com discursos pré-existentes, evidenciando a interseção entre memória, desejo e interpelação ideológica.

(O SD1) apresenta a leitura como mediadora de interesses pessoais e ação social, desejando atuar em CAPS e escolas, promovendo o acesso à leitura. Pela ótica de Pêcheux, observamos a memória discursiva em ação: experiências familiares, escolares e culturais são reinscritas nos relatos atuais, evidenciando a historicidade do sujeito. Orlandi enfatiza que o interdiscurso preexiste ao sujeito, estruturando as possibilidades de enunciação. Nesse sentido, a fala do (SD1) revela como o sujeito é interpelado ideologicamente pelo discurso social e acadêmico, ocupando um lugar específico de ação profissional e social, mas também mobilizando elementos de sua história para produzir sentido próprio.

Em continuidade o (SD2) enfatiza a leitura como possibilidade para construir identidade profissional e visão crítica. Ao reconhecer a diferença entre percepção subjetiva e realidade, manifesta um processo de negociação ideológica. Aqui, a leitura atua como filtro crítico que permite ao sujeito confrontar discursos institucionais e produzir sentidos próprios. Pêcheux (1990) aponta que os enunciados circulam em sequências históricas, e a memória discursiva articula o passado com o presente. Assim, a fala do (SD2) evidencia como o interdiscurso é apropriado pelo sujeito, produzindo deslocamentos que estruturam sua formação profissional.

A partir desse engajamento, o (SD3) estabelece relação de causa e efeito entre leitura e percurso acadêmico, demonstrando a internalização de normas institucionais. A repetição e o pré-construído (Pêcheux, 1990) são claros: a universidade fornece sequências discursivas que o sujeito apropria, orientando escolhas e interpretações. Sob a perspectiva de Althusser (2022), há interpelação ideológica: o sujeito é chamado a reconhecer-se nas normas e expectativas acadêmicas, ajustando suas práticas de leitura e estudo às demandas institucionais.

Seguindo essa trajetória, o (SD4) destaca o efeito do discurso institucional no aumento da leitura, transformando uma prática pessoal em prática orientada pelo curso de Psicologia. A repetição discursiva e o pré-construído são mecanismos pelos quais os sentidos se consolidam: o sujeito internaliza padrões de leitura e interpretação promovidos pela instituição. Aqui, a leitura deixa de ser apenas prazer ou interesse pessoal e torna-se prática socialmente mediada.

Por fim, o (SD5) manifesta uma divisão subjetiva (Lacan, 1985) entre leitura por interesse pessoal e necessidade de aprofundamento teórico. Essa tensão revela lacunas e resistências, mostrando como o sujeito não é completamente determinado pelo discurso institucional. Segundo Orlandi (2009), o interdiscurso impõe limites e oferece sentidos possíveis, mas o sujeito pode produzir novos significados. Assim, o (SD5) evidencia como a leitura se torna espaço de negociação ideológica, tensionando prazer, obrigação e normatividade acadêmica.

As experiências relatadas pelos estudantes revelam como sentidos já produzidos são reinscritos, tensionados e apropriados, evidenciando tanto a interpelação ideológica das instituições quanto os deslocamentos possíveis no exercício do desejo e da crítica.

Resultados

O gesto de análise evidencia que a leitura se manifesta como uma prática material, situada por condições históricas, institucionais e discursivas. Não se trata apenas de decodificar textos ou acumular informações, mas de um trabalho concreto sobre o sentido, em que o sujeito se engaja com discursos que circulam na academia e na sociedade, produzindo e negociando significados. A materialidade discursiva revela-se nas condições de produção, circulação e recepção dos textos, evidenciando que o acesso e a apropriação do conhecimento dependem de fatores sociais, econômicos e culturais que estruturam a experiência leitora.

O processo discursivo envolve reflexão, negociação e atenção às lacunas, silêncios, tensões e intensidades afetivas que atravessam o sujeito. Essa articulação entre passado, presente e desejo revela como a experiência é mediada por vivências afetivas que marcam e orientam a interpretação. A leitura de sentidos preexistentes convoca o sujeito a operar sobre eles, produzindo e reinscrevendo significados e integrando novas experiências.

Leitura, memória, interdiscurso, ideologia e afetos interagem de forma dinâmica, configurando espaços de inscrição simbólica, produção de sentidos e exercício contínuo de crítica. Cada instância influencia a outra: a memória oferece historicidade, o interdiscurso articula formações múltiplas, a ideologia delimita possibilidades, e os afetos intensificam o engajamento e a atenção do sujeito. Esse movimento contínuo permite que sentidos sejam tensionados, transformados e apropriados de maneiras inéditas.

Ao conectar os três eixos, sustenta-se a reinscrição contínua dos sentidos: referências anteriores, experiências vividas e múltiplos discursos interagem para gerar interpretações singulares. Afetos como curiosidade, prazer, ansiedade ou surpresa funcionam como marcadores simbólicos dessa experiência, intensificando a relação do sujeito com o sentido. A memória atua como corpo histórico e simbólico, oferecendo suporte para as experiências, discursos e emoções, enquanto o interdiscurso articula diferentes formações que orientam e tensionam a produção de sentido.

(In)Conclusões

A investigação proposta permitiu deslocar a leitura de um simples exercício técnico para compreendê-la como prática discursiva e, sobretudo, como experiência marcada pela memória e pelo desejo. O percurso analítico reinscreve histórias, convoca lembranças e produz efeitos de subjetivação. Nesse gesto, a universidade se revela como espaço de criação e reflexão, capaz de potencializar a formação crítica e o engajamento do sujeito. Constitui terreno de resistência às lógicas contemporâneas que tentam limitar a potência educativa, permitindo que a experiência acadêmica se transforme em oportunidade de produção de sentidos, invenção e apropriação ativa do saber.

Ao mesmo tempo, ao escutar o movimento dos sujeitos-leitores universitários, percebemos que a leitura é mediada por afetos, silêncios e transferências, configurando-se como campo de produção de sentidos sempre incompletos, tal como a própria linguagem. A psicanálise nos lembra que todo dizer carrega um resto não simbolizável, uma falta que insiste e, justamente por isso, abre possibilidades para a criação. Foi nessa falta que os relatos e análises se inscreveram, demonstrando que a leitura engendra modos de existir, resistir e desejar. Nesse processo, cada gesto de leitura se torna um encontro com o próprio inconsciente, revelando tensões, contradições e pequenas transformações que se produzem no ato de interpretar, mostrando que o sujeito está sempre em trânsito, entrelaçados por significantes que lhe escapam e lhe constituem.

Assim, responder ao problema de pesquisa implica apontar que a leitura, ao articular memória, discurso e contexto social, se deixa entrever como dispositivo de subjetivação e de emancipação. Ela não elimina o mal-estar contemporâneo, mas o reinscreve, permitindo que o estudante, diante do discurso, confronte suas próprias faltas e encontre modos singulares de elaborar o saber. Se a linguagem nunca se fecha, também a leitura se abre como espaço de inacabamento e, justamente aí, reside sua potência: manter viva a possibilidade de deslocar sentidos, de interrogar o instituído e de resistir ao esvaziamento da educação.

Referências

- Althusser, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 2. ed. Tradução: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 2022.
- Gillot, Pascale. Althusser e a psicanálise. Tradução de Pedro Eduardo Zini Davoglio, Fábio Ramos Barbosa Filho e Marie-Lou Lery-Lachaume. São Paulo: Ideias & Letras, 2018.
- Instituto Pró-Livro. Retratos da Leitura no Brasil. 6^a ed. São Paulo, 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%C3%A7a%C3%A8o_Retratos_da_Litura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 26 maio 2025.
- Kantorski, Graziela Dutra. Entre()linhas: representações sociais de leitura na formação do sujeito-leitor. Orientadora, Maria de Lourdes Soares Ornellas. 2024. 216f. Dissertação. (Mestrado Acadêmico) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2025.
- Lacan, Jacque. O seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- Leandro-ferreira, Maria Cristina. A trama enfática do sujeito. *In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, 2., 2005, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Porto Alegre, RS: UFRGS, 2005. Disponível em: www.discurso.ufrgs.br. Acesso em: 30 ago. 2024.
- Lispector, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Lispector, Clarice. A pesca milagrosa. Jornal do Brasil, 1971a. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30356462.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.

Orlandi, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípio e procedimento. Campinas: Pontes, 2009.

Orlandi, Eni Pulcinelli. Discurso e Leitura. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

Orlandi, Eni Puccinelli. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

Orlandi, Eni Puccinelli. As formas do silêncio. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992

Orlandi, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

Ornellas, Maria de Lourdes Soares. Psicanálise & Educação: o que falta em um está no outro? Salvador: EDUFBA, 2019.

Ornellas, Maria de Lourdes Soares. (Entre)vista: a escuta revela. Salvador: EDUFBA, 2011.

Pêcheux, Michel. Leitura e memória: projeto de pesquisa. Tradução de Eni Orlandi. In: PÊCHEUX, Michel. Análise de Discurso. Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi 4. ed. Campinas: Pontes, 2014. p. 141-161.

Eux, pêchmichel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990. [1983].

Saviani, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

Contribuição dos autores

Graziela Dutra Kantorski: Responsável pela concepção do estudo, análise dos discursos e redação do texto.

Maria de Lourdes Soares Ornellas: Orientou a pesquisa, as análises dos discursos e redação do texto.